

economia - Brasil

PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

No fundo, no fundo

• Ninguém deixa de sentir um certo travo de amargura, um gosto de retrocesso ao reviver o ritual de ida ao FMI, que inclui as desgastadas cartas de intenção. Não há como deixar de sentir frustração pelo país não ter sido capaz de, sozinho, impor-se a austeridade fiscal. Sozinho o Brasil resolveu sua dívida externa dos anos 80; sozinho, estabilizou sua economia. Mas há diferenças agora que podem nos proteger dos erros do FMI.

Na equipe econômica, a operação de ida ao FMI é descrita como uma vitória. Na verdade, ninguém gosta de estar nesta situação. Mas eles estão convencidos de que o Brasil provocou uma ruptura: nunca um país conseguiu socorro financeiro sem estar quebrado. O Brasil mesmo só foi ao Fundo de joelhos, nas outras vezes, sem reservas, sem respeito internacional. Pela primeira vez o FMI sanciona políticas nacionais, como fez com a cambial. Sendo que neste assunto os técnicos do Fundo sofriam a pressão de suas próprias convicções — muitos acham que o câmbio está errado — e do lobby dos bancos que queriam a desvalorização. A terceira diferença é ressaltada por Mailson da Nóbrega:

— Nunca vi um acordo ser precedido de um comunicado conjunto em que o FMI reconhece e aprova políticas adotadas pelo país que pede ajuda.

A convicção na equipe econômica é que o Brasil passou a ser o primeiro exemplo de uma nova forma de relacionamento. É melhor esperar para confirmar. Afinal, um país com tanta experiência na bisbilhote e falta de sensibilidade do Fundo Monetário não acredita facilmente em milagres.

O fato é que o passado foi pior. No primeiro colapso cambial dos anos 80, o de 82/83, o Brasil chegou ao Fundo completamente exaurido. Quando Affonso Celso Pastore assumiu o Banco Central, sucedendo a Carlos Langoni, ele perguntou ao diretor da área externa quanto havia em caixa e ouviu uma estarrecedora resposta: "US\$ 200 milhões".

Nas cartas de intenção pedia-se o impossível. Havia metas nominais de déficit. Esta medida de déficit só é compatível com inflação baixa porque ela registra também tudo o que é pago em correção monetária e cambial da dívida interna. Portanto, se a inflação for maior do que o imaginado, a meta estoura. Como o país não conseguia domar os preços com instrumentos clássicos — descobriu-se com o tempo que a inflação brasileira era um bicho muito mais complicado — o Brasil sempre ficava fora destas metas. A primei-

ra carta de 83 impôs uma política cambial tecnicamente esdrúxula: a correção mensal do câmbio tinha que ser sempre 1% acima da inflação. Gerou a maior especulação e acabou na maxidesvalorização. Neste período foram sete cartas seguidas. Todas descumpridas, até porque o Governo da época nunca teve a intenção de cumpri-las, como admitiu mais tarde o então ministro Delfim Netto. Mas o segundo momento foi mais duro:

— O Brasil tinha feito uma moratória de confronto e chegamos ao Fundo numa atitude defensiva — conta Mailson, que era ministro na época.

De fato a moratória de 87 foi uma tentativa de armar um parlance político para o desgastado Governo Sarney que havia perdido o Cruzado e feito o Cruzado II na abertura das urnas. No ano seguinte, ele foi empurrado para o FMI.

— Eu acho que o Brasil nunca esteve tão senhor da situação quanto agora — diz Mailson.

As sucessivas declarações favoráveis de autoridades internacionais, da direção do FMI e da imprensa estrangeira nos últimos dias mostram que o Brasil é tratado de forma inteiramente diferente do que foi nos anos 80. O Brasil era visto como um caloteiro, de hábitos exóticos e inflação maluca. A estabilização, a abertura do mercado, o crescimento do mercado interno, o aumento dos investimentos estrangeiros tornaram o país mais respeitado e mais relevante para a economia mundial. Mas além disto, calhou de a crise bater aqui exatamente num momento em que o FMI, na berlinda, precisa de um caso de sucesso. E em que a economia do mundo não aguenta mais uma queda.

Que ninguém se engane, no entanto. O Brasil lida muito mal com o intervencionismo típico do Fundo. Até porque o passado deixou marcas. O Fundo não é apenas um clube do qual fazemos parte. É também um grupo de tecnocratas cujos erros não serviram para reduzir a notória arrogância. Construir de fato um novo relacionamento é mais um desafio de uma época cheia de desafios.